

Ana Paula Palamartchuk¹

Prisioneiros do mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956),
de Jorge Ferreira²

A publicação da tese de doutorado de Jorge Ferreira chega em boa hora. Esse trabalho, ao propor discutir a cultura e o imaginário político dos comunistas no Brasil, é inovador em vários sentidos, muito embora a história do Partido Comunista do Brasil (PCB) já tenha sido visitada e revisitada por diferentes abordagens. Isto significa que o PCB como tema da historiografia também tem sua história³ e nela Jorge Ferreira certamente fornece e esclarece valiosos problemas.

O autor indica, na introdução, que a perspectiva que informou sua pesquisa levou em consideração três abordagens distintas. A primeira delas toma da Antropologia alguns procedimentos etnográficos que possibilitaram perceber o *conjunto de atitudes, representações sociais e códigos de comportamento que formam as crenças, idéias e valores* (p. 14) aceitos pelos comunistas. A segunda abordagem, denominada História Política revisitada, tem como matriz teórica autores como Bronislaw Baczki, Raoul Girardet e Pierre Ansart, os quais direcionam sua análise para as imagens, símbolos e mitos que formam campos políticos e legitimam hierarquias. Por fim, Ferreira recorre à história das religiões, que aqui *designa a experiência dos homens com o sagrado e se relaciona com*

¹ Doutora em História Social pela Universidade Estadual de Campinas. paulatchuk@terra.com.br

² FERREIRA, Jorge Luiz. *Prisioneiros do mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)*. Rio de Janeiro: Eduff: Mauad, 2002. 320 p.

³ GARCIA, M. A. Contribuições para uma história da esquerda brasileira. In MORAES, R. (Org.). *Inteligência brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 193-223; ANDERSON, P. La historia de los partidos comunistas. In SAMUEL, R. *Historia popular y teoria socialista*. Barcelona: Critica, 1984.

idéias de ser, sentido e verdade (p. 15). Por isso, nota-se que o historiador Mircea Eliade é um referencial importante em seu trabalho.

Partindo da concepção de Eliade de que a humanidade mantém relações com o “sagrado”, em qualquer temporalidade, e que essas relações integram a vida social (p. 15), Ferreira concebe os comunistas no Brasil como um grupo que encontrou identidade em crenças e estruturas mitológicas, apesar do discurso “camuflado”, porque dessacralizado, da ciência (p. 15). Em suas palavras, o livro tem como objetivo: *resgatar o conjunto de idéias, valores, conceitos, padrões de comportamentos e imagens socialmente reconhecidos pelos ‘militantes comuns’, por homens e mulheres que encontraram no comunismo o projeto de sua existência e de sua identidade social* (p. 13).⁴ Nomes como Leôncio Basbaum, Heitor Ferreira Lima, Jorge Amado, Hílcar Leite, Agildo Barata, Tito Batini, Gregório Bezerra, Elias Chaves Neto, João Falcão, Osvaldo Peralva, Edmar Morel e Antônio Carlos Felix Nunes povoam as páginas da história dos “prisioneiros do mito”, melhor definidos, à página 114, como os *quadros mais devotados* do PCB.

Suas autobiografias dispõem de um lugar central. Ferreira, no entanto, não se limitou a recontar o conteúdo desses relatos e memórias. Buscou antes entender como essas autobiografias procuram *legitimar, com argumentos lógicos e inteligíveis, as suas próprias escolhas dando sentido e organização a impulsos, desejos e anseios muito difíceis de serem explicados racionalmente* (p. 63).

A lógica pela qual o livro se apresenta interpela os mitos do “ideário comunista” através das estruturas de seus “modelos exemplares”, próprios das sociedades antigas e tradicionais (p. 24). Mesmo compartilhando uma concepção de mundo “racionalista, utilitarista e individualista”, os comunistas reproduziram crenças no progresso, na razão e na ciência (marxismo-leninismo), narraram a luta entre o bem e o mal (comunismo x capitalismo) e reivindicaram um ponto de vista de “povo eleito” (operários/trabalhadores) alternativo ao decadente mundo capitalista.

Entre os modelos exemplares analisados, destaco a URSS, a mulher militante e a cultura comunista, pois elucidam a construção do argumento do autor. Tomada como exemplo modelar e central

⁴ Grifo nosso.

do mito comunista, a União Soviética mobilizou uma concepção de história e de temporalidade em torno da construção de um espaço sagrado, aos moldes do eurocentrismo. Mas, ao idealizarem a “vida soviética” com imagens de felicidade e harmonia social (utopia), os comunistas resgatavam também aspectos do mito da Idade do Ouro e o projeto de que pudessem ser revividos. Nesse sentido, a revolução transformou-se numa idéia-força, na qual mito, utopia e história conjugaram-se nas práticas e na formação da identidade comunistas (p. 195-217).

A riqueza dessa conjugação não se concentra apenas na idealização da União Soviética como paraíso. Segundo Ferreira, esse paraíso acabou sendo personificado em Stalin, através de um processo que teve início com a execução do primeiro Plano Quinquenal, em 1929, até alcançar seu apogeu no imediato pós-guerra. Apesar de algumas decepções surgidas nos anos 1930 e 1940, Stalin só teve mesmo sua imagem onipotente e onisciente abalada entre os comunistas, com as denúncias no Relatório Krushev, em 1956. (p. 218-247). Este ano terrível deixou o “militante comunista” não só confuso e aflito; como concluiu Ferreira, ele *perdia não apenas a sua identidade, mas também as referências, os valores e os padrões culturais de comportamento* (p. 304).

Entre os anos 1920 e 1950, diferentes grupos imprimiram diferentes significados às palavras “comunista” e “comunismo”. Não me refiro somente ao grupo dissidente do PCB, que no início dos anos 1930 definiram sua organização como Liga Comunista de Oposição de Esquerda ou aos trotskistas, mas também à recorrência com que as autoridades policiais colocavam no mesmo “caldeirão comunista” grupos e pessoas que não tinham vínculos com o PCB, nem orgânicos nem de simpatia. Atentar, por exemplo, para as noções de comunista e comunismo com as quais a polícia política trabalhava, entre os anos 1930 e 1940, pode ser um bom caminho para perceber a multiplicidade de significações que formaram identidades comunistas e também anticomunistas.⁵

Comunista, ao menos para os anos 1920 e 1930, não era sinônimo de membro do PCB e, de certa forma, era uma designação

⁵ PALAMARTCHUK, A. P. *Os novos bárbaros: escritores e comunismo no Brasil (1928-1948)*. 2003. 383 p. Tese (Doutorado em História Social)-Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. Capítulo 1.

que expressava e reproduzia uma concepção compartilhada socialmente e que podia ser aplicada a qualquer indivíduo crítico ao capitalismo ou ao governo. Por exemplo, se inquiríssemos o conjunto de relatos de viagens à URSS publicados entre os anos 1930 e 1940, poderíamos perceber que havia, nas diferenças de conteúdo e forma, mais do que posicionamentos a favor ou contra o exemplo soviético. Havia projetos políticos em disputa.⁶

Em relação à cultura e às artes, Ferreira apresenta ao leitor um episódio exemplar das relações entre intelectuais e aparelho partidário. No início de 1954, foi para as telas dos cinemas o filme *O Canto do Mar*, de Alberto Cavalcanti. Logo após seu lançamento, um artigo publicado no jornal *Imprensa Popular* (do PCB), suscitou um debate que envolveu alguns comunistas. Provocado pelas duras críticas assinadas por E.A. que considerou o filme apologético do pessimismo e do fatalismo, Jorge Amado publicou uma réplica. Esta chamou a atenção de E.A para a confusão entre realismo socialista e realismo crítico. Definindo-os como correntes estéticas diferenciadas, mas não opostas, Jorge Amado ressaltou que o realismo socialista era um projeto estético comunista, porém, incentivador do realismo crítico (p. 170). Tendo aprendido a lição, E.A. fez sua autocrítica e agradeceu os valiosos esclarecimentos.

Desse ponto, o debate prosseguiu, ânimos exaltados, ocorrendo uma radicalização em defesa tanto das primeiras opiniões de E.A como das de Jorge Amado. Chamo a atenção para a conclusão a que Jorge Ferreira chegou:

Se os desencontros e opiniões podem ser explicados pela natural subjetividade do olhar e pela sensibilidade crítica de cada um deles, há, em comum, uma rígida concepção sobre a arte e o papel social de artistas e intelectuais. Mais ainda, [...] reproduzem, mesmo que inconscientemente, debates que ocorreram na União Soviética durante os anos 20 sobre a produção artística e cultural (p. 173).

Não há espaço para abordar o debate aludido por Ferreira. No entanto, a percepção de sua “reprodução” no Brasil, quase 30 anos depois, está informada por uma interpretação que marca o início e os desdobramentos do processo pelo qual o Partido

⁶ Id.

Comunista da União Soviética (PCUS) passa a controlar a produção artística e cultural, excluindo, fechando e até mesmo exterminando os opositores ao realismo socialista, que se tornou a corrente estética oficial a partir de 1933. Censório, coercitivo e violento, esse processo de afirmação de uma arte e cultura comunistas teve seu apogeu no *zhdanovismo*. O “degelo”, parafraseando o escritor soviético Ilya Ehreburg, tem início no mesmo período em que o paraíso começa a desmoronar, 1956. Escatologia à parte, mito, utopia e história foram os ingredientes do caldo que verteu do “caldeirão comunista” em 1956.

Através das disputas e conflitos próprios dos sujeitos no campo da produção cultural (literária, cinematográfica ou das artes plásticas) as relações entre os intelectuais e os dirigentes do PCB, ou mesmo as relações entre intelectuais e o comunismo⁷ podem iluminar os significados e os limites de suas experiências como “intelectual-comunista”, que me parecem ser um pouco mais complicadas do que uma identidade formada a partir de *uma rígida concepção sobre a arte e o papel social de artistas e intelectuais*. A análise das disputas e conflitos permite desviar o olhar da “linha política oficial”, direcionando-o para as temáticas próprias dos profissionais e produtores de uma “cultura”, nas quais surgem pontos de tensões entre a identidade como intelectual e como comunista.⁸

Para entender como a fronteira entre a vida privada e a vida política dos comunistas era tênue, frágil e, muitas vezes, inexistente, Jorge Ferreira recorreu a outro modelo exemplar construído pelos comunistas: a mulher militante. *Imagens Femininas* é um sub-item do capítulo que discute os valores, a moralidade e a vida privada dos comunistas. Considerada a princípio a participação política uma atividade masculina, a presença das mulheres no PCB foi vista por seus militantes com certo cuidado, ainda que estimulada e, por vezes, festejada. Assim como a maternidade, a abnegação e a retidão moral, sacrifícios feitos por mulheres em nome da revolução (heroínas no cancionário comunista como Maria Quitéria e Anita Garibaldi no passado e

⁷ O termo comunismo é aqui entendido como um conjunto de idéias difusas ligadas à União Soviética, à Internacional Comunista ou aos partidos comunistas nacionais, entre os anos 1920 e 1940.

⁸ Para uma discussão nesse sentido em relação aos escritores comunistas no Brasil, ver: PALAMARTCHUK, 2003, passim.

Olga Benário e Leocádia Prestes nos anos 1940) foram exaltados como qualidades exemplares da revolucionária modelar.

Não estando portanto livres das hierarquias sexuais compartilhadas socialmente, essas mulheres assumiram, segundo Ferreira, os papéis que os comunistas esperavam delas, tendendo a reforçar e reproduzir os lugares onde eram aceitas suas intervenções: no interior da família (nuclear ou comunista), como símbolo de abnegação e como guardiã dos valores morais e das regras e condutas de comportamento comunista.

Levando em consideração estes elementos fica difícil entender como as mulheres militantes “comuns” vivenciaram a tensão entre a participação política (que representava certa “quebra” de código de comportamento) e a reprodução das hierarquias sexuais, já que são tomadas por aquilo que se esperava delas e não por suas próprias experiências.

No entanto, nesta resenha, seria impossível reproduzir com riqueza todos os detalhes da formação cultural comunista enfatizados por Ferreira. A habilidade com a qual organizou e mobilizou os elementos mitológicos, utópicos e históricos fundantes do imaginário dos comunistas rendeu-lhe um livro não só interessante como também original, ainda tenha se baseado apenas em autobiografias de antigos militantes como suas fontes principais.⁹

Na medida em que levamos em consideração a afirmação de Angela de Castro Gomes de que muito já foi escrito sobre o partido comunista e o comunismo no Brasil, devemos levar também em consideração que ambos os temas só ganharam caráter de objeto de estudo nas várias áreas acadêmicas das ciências humanas a partir dos anos 1970 e certamente são tributários das publicações de Astrojildo Pereira¹⁰, Ronald Chilcote¹¹ e Edgard Carone.¹²

Tendo notado que grande parte da literatura produzida, neste período, sobre o PCB era composta por livros de memórias ou autobiografias ou por livros de pretensões analíticas que se

⁹ GARCIA, op. cit., p. 199.

¹⁰ PEREIRA, A. *A formação do PCB*. Rio de Janeiro: Vitória, 1962.

¹¹ CHILCOTE, R. *Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração (1922-1972)*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

¹² CARONE, E. *O PCB(1922-1943)*. São Paulo: DIFEL, 1982. v. 1.

baseavam em fontes secundárias, Garcia afirmou faltavam pesquisas sobre a história da esquerda brasileira assim como do PCB que envolvessem preocupações teóricas mais consistentes e um trabalho empírico de maior fôlego.

Os livros de memórias e as autobiografias de antigos militantes do PCB podem ser inseridos nas análises historiográficas como parte dessa “produção militante” e são eles que constituem o conjunto fundamental de fontes de “prisoneiros do mito”. Mesmo tendo problematizado essas obras¹³, afirmando sua função legitimadora em relação ao objeto dessas memórias e da própria experiência de quem as escreveu, Ferreira não leva às últimas conseqüências sua constatação. É possível demorar um pouco mais nas análises das várias temporalidades contidas e consubstanciadas nesse conjunto de obras, para não perder de vista que os sinais deixados por antigos militantes em suas memórias sobre o passado no presente servem de janelas aos historiadores para as significações construídas de suas experiências no passado, o que extrapolaria a reprodução das designações que se conformaram no imaginário comunista 40 ou 50 anos depois.

O projeto político soviético foi derrotado. Mas só isso não explica a tendência dos antigos militantes em tornar suas experiências negativas. Ao que parece, Ferreira não tem resposta a essa questão. Mais que isso, em alguns momentos suas conclusões são generalizantes e poderiam servir também aos comunistas “escandinavos” nos anos 1930 ou nos anos 1950.¹⁴

Sua pesquisa indica, no entanto, as possibilidades de uma abordagem que leve em conta os “pequenos” e localizados contextos sociais, o que ajudaria a repensar o argumento que se

¹³ Ver: BASBAUM, L. *Uma vida em seis tempos*. São Paulo: Alfa-Omega, 1978; CHAVESNETO, Elias. *Minha vida e as lutas de meu tempo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1978; BRANDÃO, O. *Combates e batalhas*. São Paulo: Alfa-Omega, 1978; CAVALCANTI, P. *O caso eu conto como o caso foi: a luta clandestina*. Recife: Guararapes, 1985; BEZERRA, G. *Memórias: 1900-1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. Parte 1; LIMA, H. F. *Caminhos percorridos: memórias de militância*. São Paulo: Brasiliense: Arquivo Edgard Leuenroth-UNICAMP, 1982.

¹⁴ A expressão refere-se às críticas formuladas por Elizabeth Souza LOBO ao artigo de M. Clementina Pereira CUNHA, Loucura, gênero feminino: as mulheres do Juquery na São Paulo do início do século XX, *Revista Brasileira de História*, v. 9, n. 18, 1989, Cf. CUNHA, M. C. P. De historiadores, brasileiras e escandinavas. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 187-188, jul. 1998.

sobrepõe a um contexto preestabelecido, fixo, coerente, transparente, estável e de tendência anacrônica que concebe a história dos comunistas brasileiros a partir dos resultados de suas experiências ou a partir de um mito de origem. E, sem dúvida, o livro de Jorge Ferreira vem somar-se ao debate que tem insistido na complexidade e historicidade dos “comunismos”.¹⁵

¹⁵ DREYFUS, M. et al. Introduction. In: _____. *Le siècle des communismes*. Paris: L'Atelier: Ouvrières, 2000. Essa coletânea de artigos é o resultado de um amplo e denso projeto internacional de pesquisa sobre o século dos comunismos, desenvolvido junto ao Centre d'histoire sociale-Université Paris 1. Ainda que sua atenção esteja prioritariamente voltada para estudos e pesquisas sobre a Rússia e União Soviética dentro do “extremos” do século XX, constituiu-se uma referência fundamental para as pesquisas que tematizam a história da esquerda no Brasil.